

FRANCISCO MOITA FLORES

O BAIRRO
DA
ESTRELA POLAR


casadasletras

Dedico este livro a Soeiro Pereira Gomes,
autor dos *Esteiros*,
e a Jorge Amado,
no centenário do seu nascimento.
Ensinaram-me, quando ainda era criança,
que nesse tempo existiam muitos meninos que
não sabiam o que era a ESPERANÇA.
Meio século depois, bandos de putos
continuam a procurá-la em vão.
Dedico-lhes, também, estas páginas.
Com a certeza de que, um dia, a encontrarão.

Francisco Moita Flores
Oeiras, 2012

1

UM ESTRANHO NINHO DE BANDIDOS

Quem subir ao ponto mais alto de Monsanto, em noite de lua nova, encontra uma pequena e discreta vereda de terra batida, debruada de belos pinheiros e cedros de aspecto sisudo, que desemboca num miradouro natural, rodeado por urze, donde o céu se revela no seu maior esplendor. As luzes da cidade embaciam o firmamento, mas dali, daquele ponto alto, solitário, a Estrada de Santiago vale o tamanho da sua beleza, feita de luzinhas intensas, que são o empedrado do céu, e as constelações assumem, vaidosas, a sua identidade própria. De entre elas, anima-se a mais cobiçada: a Ursa Menor pontuada na cauda pela Estrela Polar, sinal brilhante e exacto, farol de peregrinos, marinheiros e viajantes que cruzaram os caminhos que a vida construiu ao longo de todos os tempos do Tempo. Indica o norte e não encontrá-la significa desnorte, destinos transtornados, sonhos sem sentido, passos errantes sem fome de infinito, necessitados do instante, sem memória e incapazes de orientar o futuro. Por tudo isto, só o excesso poético explica o nome que deram à comunidade que cresceu na perpendicular daquele astro, sobre aquela colina mais afastada, que se vê

para além do Lumiar. Chamam-lhe o bairro da Estrela Polar. O caminho para lá chegar é escarpado e a cintura de canaviais selvagens torna-o discreto, escondido das ruas e avenidas de maior trânsito. Quando termina a estrada de alcatrão é necessário atacar o caminho térreo pela encosta acima e, de súbito, surge um pequeno aglomerado de casas tão abraçadas entre si que mais parece um fortim. Em vez de muralhas, há uma densa moldura de pinheiros-bravos que protege o casario velho, desconchavado, telhados remendados com latão e janelas baixas, onde estão armados estendais de roupa pendurada, ressequida e velha. Esta rua, famosa porque nela nascem os remoinhos de poeira mais vigorosos de toda a cidade, desemboca num amplo largo, que é vigiado, dia e noite, por um cão vadio, já velho, tremendo de frio, que aproveita todas as nexas de sol para se enroscar, dormitando mas sempre vigilante, de orelha fitada, guardião solitário do Estrela Polar.

Não existem censos precisos, mas julga-se que lá residirão perto de mil almas. Gente pobre, encarquilhada de rugas, memórias magoadas e cabelos brancos, que em tempos teve sonhos. Agora rendeu-se. Sobrevive de magras reformas e cochicha à porta da vizinha, sendo que os homens preferem frequentar o Águias, o café do largo, com uma esplanada, sombreada por uma enorme parreira, que possui um jogo de matraquilhos e dois de chinquilha. Desistiram quando lhes faltaram as forças ou foram despedidos. O Estrela Polar converteu-se, então, no último esconderijo para escapar à fome e reencontrar pedaços de vida que se evocam como se fossem presente, memórias de confiança, que aparentavam convicções sobre outros caminhos por andar. Porém, ali chegados, não se encontram mais trilhos. Tudo acaba no limite da rua que do largo sai em direcção a poente, e a morte,

sentada para lá dos canaviais, vigia dia e noite, carregando aqueles que a fome e a droga consumiram até ao fim.

A nossa história começa aqui. Nesta ilha desconhecida, cercada pela cidade, onde sobe uma carrinha que distribui pão fresco, queques e bolas-de-berlim; dia sim, dia não, surge o peixeiro numa motorizada com uma caixa de carapaus ou de sardinhas por acompanhante e o carteiro precisa de boa perna para que a bicicleta vença a rampa antes de entregar cartas registadas com pensões e reformas. Mas não são os únicos a subir a colina. Todos os dias uma multidão de toxicod dependentes vai como pode, lá acima, buscar a sua dose de cocaína, de heroína ou comprimidos para *speedar*. Vão em magotes.

Às vezes, são aos pares. Os mais ressacados sobem sozinhos, cambaleantes, precisados de pedrar antes que as dores e o delírio os vença e os deixe desfalecidos, estendidos, desejosos de qualquer sinal, mesmo que não seja feliz.

Logo à entrada do casario, onde existe uma rocha enorme por detrás da qual corre um esgoto fedorento a céu aberto, os janados podem satisfazer as necessidades. Vulgarmente é o Tosta Mista e o Necas que por ali andam no negócio. Tosta Mista é negro, da cabeça não lhe saem os *headphones* do *iPod*, e raramente fala. Necas é alto, um rapaz bonito, com cabelos e olhos de azeviche. A malta que sobe para comprar gosta mais do produto de um do que do outro. Não sabem que é todo igual. Assim como os panfletos e os drunfos que, já no largo, são passados pela Manuela e pelo Zé Cigano.

Às vezes há sarilho. É um negócio no qual se corre o risco de levar banhadas. A malta vem ressacada e ressequida, implora e suplica por uma dose com promessa de pagamento, o vendedor recusa-se a fiar, os ânimos exaltam-se e, quando

acontece uma situação mais delicada, por milagre o grupo junta-se e escorraça a pontapé ou a tiro quem tenta ser desonesto. Todos os janados sabiam duas coisas sobre o funcionamento daquele mercado: ali não se fiava, aceitando-se apenas ouro ou dinheiro, e, por outro lado, a garantia de que fosse qual fosse o produto, do taco de haxe às *moonrocks*, não havia moscambilha nem droga marada. Primavam pela qualidade. Não se admire, pois, o leitor, se lá for, de que, apesar da miséria extrema do casario e da atmosfera fétida, ser o centro comercial mais procurado da cidade. A estes quatro putos devemos ainda juntar a Clara, que é a mais nova, com catorze anos, o Francisquinho e, a comandar esta matilha, o verdadeiro capataz que controlava compras e vendas. Era rijo apesar do ar escanzelado. Depois de se ter chamado Superman, rebaptizara-se com o nome de um herói mais actual. Agora respondia por Batman e fará vinte e seis anos pelo Natal, se nenhuma bala perdida o encontrar distraído. Acima dele só existe Diana, cuja autoridade e caprichos ninguém discute. É a deusa maior, discreta e bela. Um ano mais velha do que Batman. E tem fama de comandar destinos devido aos poderes fabulosos que acumulou ao longo dos anos, de contactos privilegiados com encomendadores de crimes e receptadores de fortunas imensas.

Diana transformou-se na chefe da quadrilha no dia em que matou o Bifanas com a sua própria pistola. Propriedade assim afirmada, é apenas forma de dizer. Bifanas roubara-a a um polícia, durante uma refeição descuidada de uma patrulha num restaurante em Odivelas. Diana recebeu-a como herança no momento em que o rapaz caiu para o lado com a bala que ela lhe enfiou no peito. Tinha a idade de Clara quando conquistou o ceptro e, com o correr dos anos, foi refinando a equipa, afastando viciados e linguarudos, apu-

rando a raça, como costumava dizer, até chegar ao grau de perfeição e competência com que agora trabalhavam.

Temos de abandonar, por agora, esta descrição introdutória. É que o Dragão e a sua equipa de ladrões, gente destemida, conhecida pela brutalidade dos seus assaltos, acaba de passar em direcção ao Águias e ainda ninguém esqueceu a última vez que visitaram o Estrela Polar. O confronto dos dois bandos obrigara a carga policial e à presença de bombeiros para apagar os vários incêndios que deflagraram em redor do largo. Ainda hoje lá se encontram as marcas disfarçadas com tábuas toscamente pregadas e longos panos de plástico cobrindo antigos telhados que o fogo dizimara.

Francisquinho largou a cerveja que bebia quando viu o bando do Dragão a subir a rua em direcção ao largo. Entre dentes sussurrou a Necas e a Manuela, que estavam à sua frente:

– Não olhem para trás, mas vem aí o bandalho do Dragão com a sua tropa. Vai haver caldeirada, meu. Caldeirada e da grossa, meu.

– Avisa a Diana. Depressa! – pediu o Necas em surdina.

Sorrateiramente escapou-se na direcção oposta, encostado à parede para não ser visto, passou pela Clara e pelo Zé Cigano, que vendiam doses num alpendre, e avisou-os:

– Dêem de frosques. O Dragão está aí – os dois despediram rapidamente os janados e correram atrás de Francisquinho.

O bando vestia blusões de ganga carregados de pins a enfeitar, cabeças rapadas, e o chefe mostrava os braços tatuados. Eram seis. Todos mais velhos e encorpados do que Necas e Manuela, que, entretanto, pagavam apressadamente e punham o dono do Águias em choque.

– Toma cuidado. O Dragão está a chegar.

Bazófiás, burlão e carteirista reformado, agora gerente do mais frequentado café do Estrela Polar, sentiu que os queixos lhe tremiam.

– Vai haver merda. Quando esses bandidos vêm aqui há sempre merda e eu lixo-me sempre porque bebem que se fartam e não pagam. Já viram a minha vida? Mas já viram a minha vida? – lamentava-se, enquanto, com a velocidade dos seus dedos treinados para sacar carteiras, escondia as melhores garrafas de uísque e brande que tinha em exposição.

Necas e Manuela saíram no momento em que, com grande algazarra, o grupo se sentava na esplanada, e Dragão, com passadas pesadas e camisa aberta, expunha o peito encardido de pelugem a Bazófiás. Mascava insistentemente uma pastilha elástica.

– Ó caramelo, tens cerveja ou a espelunca está falida? – perguntou, autoritário. O dono do café voltou-se e, quando o viu, abriu-se num imenso sorriso:

– Olha quem ele é. O Dragão! Há quanto tempo não te punha os clises em cima. Tu não envelheces, pá. É que não envelheces mesmo. Quando estivemos juntos a cumprir pena em Vale dos Judeus andavas em baixo. Lembro-me bem. Mesmo em baixo, mas agora, tantos anos depois, parece que, em vez de envelheceres, recuaste na idade.

O bandido puxou-o pelos colarinhos e contra o balcão. Bazófiás ficou com os pés no ar, aflito para respirar, com o outro a mascar pastilha elástica junto ao seu nariz.

– Perguntei-te se tinhas cerveja. Estou-me nas tintas para as tuas milongas e tretas sobre os velhos tempos. Não somos amigos. Nunca fomos amigos. Nunca seremos amigos. Odeio os tretas como tu. Ouviste? E agora, respondes-me: tens ou não tens cerveja?

– Claro, claro. Por amor de Deus, Dragão, pá. Nunca te fiz mal, até tenho admiração por ti, pá. Por amor de Deus!

– Cervejas. Há ou não há? – e apertou-lhe o pescoço com mais força.

– Quantas? – gemeu com voz rouca.

– Trazes seis e voltas logo a seguir com mais seis.

Quando o largou, Bazófias desequilibrou-se, indo estalar-se contra as pipas de vinho tinto. Porém, rapidamente se recompôs, procurando as seis minis que tinham sido pedidas com a gentileza habitual do chefe dos Dragões da Brandoa. Um bando que impunha respeito, capaz de cometer golpes com tanta audácia e valentia que afugentaria uma manada de elefantes. Há muito que andava de olho naquele bairro. Diana dispunha de um grande negócio de pó, drunfos e comprimidos tão variados que corria, entre a malta do gardanho, estar rica de tanto vender. O Dragão queria ser mais rico do que ela, tomando conta do mercado feito de maços de notas, de sacos e saquetas de pó, onde o fisco não entra, não existem acções, nem cheques, nem prestações de contas, estas últimas a não ser pela força das armas, mercado esse tão livre que se esconde nos rios subterrâneos da economia, movimentando milhões de euros discretos.

Ao distribuir as cervejas pelas mesas, Bazófias foi motivo de gargalhada geral do grupo. As mãos tremiam-lhe tanto que as garrafas dançavam em cima da bandeja.

– Estás a tremer porquê? É tudo medo?

– O pintas está todo a abanar. Olhem só!

– É carteira. Quando era novo, trabalhava com as mãos nos bolsos dos *man*. É medroso por natureza. Tá no sangue.

A zombaria terminou no segundo a seguir quando se ouviu uma voz feminina que lhes falava do largo.

– Quando é preciso um grupo de seis vadios para gozarem com um homem de cinquenta anos, fica bem claro onde mora a vossa coragem. Talvez no olho do cu.

Dragão voltou-se, sem se levantar da cadeira, e olhou-a com um sorriso de escárnio.

– Olha, a Diana. Continuas boa como o milho.

– É possível, mas, como não gostas de milho, dispenso o cumprimento. Já te disse que não te quero aqui, muito menos com essa corja de porcalhões com quem estás. Paga as cervejas e desanda.

O Dragão soltou uma gargalhada bem-disposta e voltou-se para os seus homens:

– Estão a ouvir a chavala? Buuuuuh, que medo!

As gargalhadas replicaram-se e, de súbito, emudeceram. Diana apontava-lhes uma pistola com mão firme.

– Conheces-me, Dragão. A esta distância meto uma bala no meio da testa de qualquer um. Paga as cervejas e sai daqui.

O bandido mudou de atitude. Estava a ser humilhado à frente dos restantes dragões e a cólera arrebatou-o, fazendo com que atirasse com a cadeira para longe.

– Ouve lá, ó minha grande puta...

Não teve tempo para dizer mais nada. Diana disparou e o Dragão tombou, uivando, abraçado à perna. Voltou-se para outro, com cara de macaco, orelhas carregadas de brincos, e que levava a mão ao cinto, e tornou a disparar. Desamparado caiu com fragor sobre o Dragão, contorcendo-se e gritando dores, enquanto o sangue lhe manchava a perna. Depois, ela passou a mira da pistola pelo peito dos restantes.

– Pagam as cervejas e desaparecem daqui ou preciso de continuar? Agora não disparo para as pernas.

O mais jovem do grupo, que transpirava abundantemente da cabeça rapada, balbuciou quase a chorar:

– Eu pago, eu pago e vamos já embora. Não dispare pela sua rica saúde.

Atirou uma nota para cima da mesa e o grupo precipitou-se sobre os feridos, ajudando-os a fugir. Não conseguiu deixar de sorrir quando os viu trôpegos do esforço para arrastarem o Dragão e o outro, que gritava desesperadamente, sempre de olhos postos nela, tão assustados como cães em dia de fogo-de-artifício.

Algumas pessoas que, no largo, observaram a cena, respiraram de alívio e saudaram Diana com acenos e sorrisos cúmplices. Guardou a pistola e gritou para o interior do café:

– Bazófiás, já podes sair. Deixaram-te vinte euros e não beberam as cervejas. Salvei-te o negócio.

O homem espreitou, ainda com medo.

– Foram-se mesmo embora? – e depois espantado perguntou-lhe: – Como conseguiste sozinha? Ouve os tiros e pensei que te tinham matado, afinal, foste tu que... és do cacete. És mesmo uma mulher do catano, pá!

– Guarda o teu dinheirinho. Tão cedo não voltam aqui.

– Salvaste-me. Ouve o que eu te digo, tu salvaste-me. Tens de mim o que quiseres. Tudo.

Parou de falar e, de repente, sorriu, velhaco, e rematou:

– Bem, quase tudo, senão a minha Almerinda corria comigo.

Riram os dois, bem-dispostos. Era uma mulher bonita. Alta, de formas esbeltas, e o busto rijo, arredondado, forçando os botões da camisa. Os olhos pareciam duas avelãs esverdeadas e, quando sorria, o rosto iluminava-se. Vestia calças de ganga, que lhe realçavam as formas das pernas bem tor-

neadas, e no cabelo castanho, doirado, uma fita verde acentuava o seu aspecto jovial. Tão perfeita que mais parecia uma personagem de um conto de fadas despropositadamente caída no meio daquele casario arruinado e apodrecido.

– Sabes como me deves pagar – respondeu. – Como tens pago sempre. Com lealdade.

Era respeitada pela audácia. Uma cabeça capaz de pensar e planear um assalto de grande risco, transformando-o num gesto simples. E pela dedicação à gente do Estrela Polar, que a conhecia desde menina, capitaneando, nesse tempo, um bando de meninos ladrões. Crescera na rua desde que o pai se suicidara e a mãe acabara por desistir de viver, precocemente arruinada por um cancro que lhe abrasou as entranhas. Diana era irmã intensa de cada pedra, cada rua e cada rosto, todos os sinais de tristeza e qualquer sinal de pranto, pois sabia ler nos olhos, coisa sobrenatural, diziam alguns, que a menina desenvolvera depois da brutal perda dos pais. Embora aparecesse pouco em público, reservada, deixava o caminho aberto à imaginação da curiosidade popular que a endeusava. Sabia tudo o que ali se passava. Discretamente montara uma rede de miúdos pagos com chupa-chupas, berlindes, bolos e visitas ao Kingburger de Benfica, que viviam em alerta vadio, radares em torno da colina, vigiando a polícia e inimigos.

Francisquinho estava de regresso. A matilha recolhera à casa abandonada nas traseiras do Águias, um enorme casarão de paredes rombas, vidros partidos e um telhado que não resistira aos temporais, com enormes rasgões por onde entrava claridade. Era o quartel-general dos ladrões devido ao labirinto de salas e corredores penumbrosos. O rapaz vinha entusiasmado e, quando assim era a sua disposição, não conseguia falar sem gesticular e saltar, numa euforia desabrida.

– Levaram para contar, *man*. Iam todos rotos pela estrada abaixo e o Dragão com o milengue nas lonas. Marchavam na ganga da moina e berravam uns com os outros. Foi de mais, *man*. Dá gosto vê-los a ganir. Melhor só um bófia com as tripas ao sol. Levaram para contar mesmo.

– A nossa gente onde está? – quis saber Diana.

– Tudo recuado. Demos o sinal e o maralhal abafou o pó e os drunfos antes que o Dragão se lembrasse de ir gamar. Mas aviaste o pintas. Marchava com a pata no ar, minha. Assim, aos saltinhos, até parecia aqui o *je* quando está nervoso.

Diana não fez qualquer comentário e afastou-se tranquilamente como se não tivesse acabado de balear dois homens. Era-lhe indiferente. Nenhuma testemunha deporiam contra ela e o Dragão iria curar as feridas bem longe de qualquer esquadra ou de pensar em queixar-se. Sabia que, se entrasse numa delas como ofendido, dificilmente sairia de lá sem responder a todos os pecados que cometera com o seu gangue por essa cidade dentro. Bazófiás, de braços cruzados, observou durante algum tempo Diana a caminhar e exclamou:

– Abençoada criatura! Sozinha deu conta de seis camelos.

O prato forte de Francisquinho, quando não vendia droga ou não roubava, era picar o carteirista reformado.

– Sozinha, meu. E já se comenta por aí que te meteste debaixo de uma mesa, borradinho até aos sapatos, com medo dos *men*. Não tens vergonha?

Bazófiás, senhor de si e orgulhoso das suas viris virtudes, caía sempre no engodo, berrando inocências.

– Debaixo de uma mesa, eu? Quem anda a dizer isso, pá? Rebento o gajo que ande a mandar faroladas a meu respeito. Juro que o rebento. Eu tenho lá medo do Dragão e

da corja dele. Medo, zero! Nem tive tempo de servir as minis, pá. Estava a pôr as garrafas nas mesas e aparece a Diana, armada em John Wayne, distribuindo balas nos presuntos deles. Estava ali mesmo. Vi tudo. Só vim para dentro quando os pintas começaram a cair e eu convenci-me de que ela ia despachá-los todos. Afastei-me, é verdade, mas não fugi. Sabia lá se, no meio da confusão, a Diana não se enganava a contar e também me servia um balázio no espinhaço. Faço parte do grupo dos bons, pá. Sou dos vossos. Não mereço um balázio no presunto. Mas debaixo da mesa, nunca!

– Levaram para tabaco. Passa aí uma mini para celebrar, meu – pediu o rapaz.

Francisquinho era chefe de família desde os treze anos. O pai começara nesse tempo a viver numa cadeira de rodas, paralisado, pernas encarquilhadas e inutilizadas. A mãe desempregara-se e era o resto do corpo do marido. Nos dias em que sobrava tempo, ia ao papel pelos contentores do lixo. Diana tivera compaixão da família, desvalida perante a desgraça que lhe entrara em casa, e achara graça à vivacidade do rapaz. Deu-lhe uma carreira e, desde então, já ia para cinco anos, tornou-se no mais dedicado passador de pó, um ladrão competente e um puto sério. Todo o dinheiro que arrecadava era passado religiosamente para as mãos de sua mãe, que, depois de contar todos os trocos e dividir por despesas, lhe entregava a mesada. Chamava-se Francisquinho porque, quando começou a roubar, o nome próprio era demasiado adulto para o tamanho. Depois, foi crescendo, surgiram-lhe os primeiros pêlos de barba no rosto bolachudo, simpático, que ria e se remexia como se os nervos fossem uma máquina trepidante que lhe sacudiam o corpo. E o cabelo, louro esbranquiçado, enrolado em caracóis, agitava-se em cada gargalhada com que gozava com Bazófiás ou nos balanços de assaltos bem-sucedidos.